

Luís de Araújo

ÉTICA

UMA INTRODUÇÃO

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

Título: Ética — Uma Introdução

Autor: Luís de Araújo

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Março de 2005

ISBN: 972-27-1370-1

Depósito legal: 223 964/05

REFLEXÃO PRELIMINAR

Ao longo da mais recente contemporaneidade, a Ética assumiu destacada relevância, não só no âmbito académico, mas igualmente na vida comum. Diversos motivos se podem invocar para a compreensão da urgência da Ética como pensar fundamental para a hora actual, desde o inquietante fluxo de alienações e opressões à barbárie intolerável de certas humilhações, a situação da Humanidade, face a circunstâncias históricas sem precedente, apresenta cifras dramáticas para a precária condição humana num tempo iníquo, necessitado de regeneração e mudança, a fim de tornar possível decisivamente uma civilização da Dignidade cuja meta se traduzirá, à escala planetária, na fruição de um humanismo que não deverá nunca distanciar-se de um humanitarismo, por consequência, alicerçado na Liberdade, na Justiça e na Bondade.

À luz desta perspectiva, dir-se-á que somente um combate tenaz e inadiável, mas generoso e persuasivo, uma luta contínua com vista a um global consenso solidário em torno de ideais intersubjectivamente válidos, viabilizará a desejável construção do que Camus designou por «*cité universelle des hommes li-*

bres et fraternels»¹ onde a vida humana ganhe algum sentido, não obstante sempre se divisar no horizonte a desgraça injustificável que é a finitude, realidade desesperante que impõe o definitivo silêncio à aventura humana. Todavia, não haver resposta para o absurdo não anula a exigência de encontrar o rumo digno para a existência, afinal, estabelecer a fronteira entre o bem e o mal. Por outras palavras, a busca da Ética, tanto mais necessária quanto por ela cada indivíduo alcançará a expressão da sua autonomia, sinal de uma vontade racional e livre, criando e aceitando valores que, em última instância, lhe facultarão o sentido mais profundo da sua realização como pessoa.

A reflexão ética visa traçar um itinerário conducente à experiência quotidiana da Dignidade, gera necessariamente uma sabedoria, capaz de propiciar verdades para a vida, vocacionada a pensar os argumentos humanos para o afrontamento do erro, da injustiça, da desordem e da violência. Tal perspectiva, a um tempo antropológica e axiológica, é uma empresa de avaliação e transmutação da situação humana, ou seja, uma tentativa de compreensão preocupada da existência, mas comprometida na mudança para melhor. Fundamentalmente é uma afirmação de valores que constituam a base de todo o agir lúcido e corajoso, abrindo-se num jovial amor à vida, mas obediente a um sentido de responsabilidade solidária capaz de dominar aqueles delírios que sempre destroem a liberdade e atraíam a justiça. Neste contexto se compreenderá a inseparabilidade entre Filosofia e Ética — afinal, a Filosofia como esforço maximamente racional em busca da compreensão da totalidade aparece-nos historicamente configurada em diversas perspectivas, dado que tanto se ocupa em procurar fundamentar exaustivamente o conhecimento humano, como considera tarefa essencial e, por vezes, prioritária, responder a problemas que emergem das situações humanas, interrogações urgentes em torno do valor e sentido da existência; ora, justamente, visando a construção de uma sabedoria para a vida, a Filosofia assume-se como um pen-

¹ Albert Camus, «L'Homme Révolté», em *Essais*, Paris, Gallimard, Bibl. de la Pléiade, 1965, p. 643.

sar fundamental, existencial e activo que conduz necessariamente ao delineamento de um projecto ético, lançando os alicerces complexos de um real humanismo, anuncia a sua própria vocação ética, repensando a articulação do conhecimento com a práxis, desenvolvendo um afã decisivo na criação de respostas para a densa problemática das finalidades da existência. Aqui divisamos a raiz originária de uma meditação já não de dimensão exclusivamente analítica e descritiva, mas sim de índole tendencialmente prescritiva, aberta inequivocamente ao mundo dos valores que hão-de constituir o referencial último e radical para determinar a orientação da vida, afinal, do como agir nesse tempo precário e frágil que cada ser humano inexoravelmente assume como um legado enigmático, mas decisivo e, sobretudo, único. Com efeito, face a uma constante exigência de actuação, o ser humano não pode adiar o estabelecimento de prioridades, torna-se-lhe imperativo assumir a sua autodeterminação enquanto capacidade de opção perante os valores, organiza-os hierarquicamente, proclama a autonomia da sua vontade. Todo esse esforço intransferível tendente à construção de projectos e ideais se exprime num filosofar de iniludível carácter ético. Aqui se divisam os nexos fundamentais entre pensar, conhecer e agir, intensificando-se a dimensão vital do conhecimento em ordem a determinar um sentido existencial da verdade. Complementaridade entre Filosofia e Ética, herança acumulada desde a Grécia Antiga até ao tempo presente, onde uma questão central se constitui como tema perene — a reflexão sobre a acção humana. Repare-se, contudo, que a essência da Filosofia permanece como actividade radicalmente cognoscitiva e fundamentadora, embora se proponha uma análise particularmente aprofundada da problemática ontológica, visto que o plano do ser que fundamentalmente lhe importa não é tanto o do «ser dado», mas aquele que resulta da intervenção humana e por este motivo se poderá designar de «ser cultural», tão real como aquele, mas porventura mais valioso, visto que a questão nuclear e extrema do Ser em si e a busca de Absoluto é certamente menos decisiva face à urgência de que se reveste a aventura existencial. Com efeito, explicitamente se tem revelado decepcionante filosofar acerca daquelas questões, dado o carácter insuperável dos limites gno-

siológicos humanos; todavia, perante o trágico escândalo da finitude e do mal, configura-se importante e urgente encontrar racionalmente orientação para a existência e assim reconhecer a Filosofia como Sabedoria Fundamental, tarefa reflexiva e activa de intrínseca vocação ética. Nesta linha de pensamento se compreenderá que a Gnosiologia atenta ao contributo interdisciplinar resultante da convergência das perspectivas das ciências humanas com as ciências da natureza, numa palavra «complexa», como defende Edgar Morin, aparece prioritariamente como prope-dêutica da Ética. O interesse desta questão situa-se ao nível das consequências da resposta a dar acerca do primado da Ética no âmbito das questões filosóficas, necessariamente anterior à construção da ontologia e da metafísica, destacando-se, assim, como tarefa essencial, o decisivo encontro entre a vida e a moralidade.

Considerando que a Ética é, em síntese, o estudo da moralidade do agir humano, entendemos que, como ponto de partida, impõe-se examinar a dimensão antropológica do agir, para, em seguida, reflectirmos acerca da dimensão ou estrutura ética da existência humana. Metodicamente, através de uma breve fenomenologia existencial reuniremos elementos relevantes da condição e situação humanas que nos hão-de esclarecer o trânsito para o equacionamento dos traços característicos do sujeito ético. Nesta ordem de pensamento, a analítica da existência humana desenvolver-se-á a partir da constatação de que estar-no-mundo traduz-se, desde logo, numa mais ou menos profunda preocupação em organizar um projecto vital, num espaço e num tempo que se configuram não apenas como elementos de ordem física, mas sobretudo de índole antropológica, pois que a vida aparece ao ser humano como duração e mudança, que conduzem a uma inadiável necessidade de tentar equacionar, com certa perplexidade e mesmo com alguma angústia, a pluridimensionalidade de problemas que decorrem da radical insegurança de existir. Nessa permanente abertura ao possível, todos os seres humanos querem construir o sentido da sua integração no tempo, assumindo a inexorabilidade da contingência e a fatalidade da finitude, dando-se conta de que se encontram no seio de circunstâncias que se lhe apresentam como um desafio intransferível e urgente a resolver. De facto, a vida humana é um per-

manente diálogo entre o *eu* e a *circunstância*, como bem acentuou Ortega y Gasset, e naquela se situam os restantes seres humanos com os quais se estabelecem relações que aparecem como as formas fundamentais da intersubjectividade.

Este processo de comunicação interindividual, fruto da inegável experiência de que estar-no-mundo é fundamentalmente estar-com-os-outros, configura-se em diversas experiências que vão desde a convivialidade simplesmente entendida como abertura dialógica recíproca, onde, apesar de tudo, só a amizade e o amor suavizam a essencial solidão radical individual, até experiências de conflitualidade intersubjectiva e de indiferença mútua. É assim que cada ser humano descobre o «outro» como ser analógico, próximo ou distante, porém sempre coexistente, individualizado ou em grupo, potencial limitador da sua liberdade, do seu projecto, mas também, por vezes, ocasião para uma experiência de alteridade dialógica que poderá operar o trânsito de uma simples relação antropológica para uma plena relação ética, na qual a comunicação já não tem lugar entre seres que se estranham, mas sim entre pessoas, ou seja, um encontro entre liberdade e responsabilidade reciprocamente valorizadas.

Importa advertir que após a descoberta do «outro», agir já não é mais uma actividade meramente espontânea, natural, biológica, mas sim uma actuação de natureza profundamente axiológica, onde cada um se dá conta que a afirmação de si requer uma exigência de justificação para a sucessão de decisões que brota da autonomia da vontade individual. Com efeito, é na e pela intersubjectividade que, quanto a nós, ocorre e se explicita a dimensão ética do agir humano, na medida em que a vontade de cada ser humano, após prévia reflexão em torno das possibilidades, dos motivos, valores, fins e das consequências de agir neste ou naquele sentido, se confronta forçosamente com o que significa decidir e agir rectamente. Aqui já não terá sentido falar-se de um sujeito tão-só gnosiológico, visto que o sujeito se assume como consciência da liberdade de opção, decisão e acção, dir-se-ia que traça para si mesmo e para os outros o seu estatuto de pessoa, consciente da autodeterminação do seu comportamento a par de uma indeclinável vivência da responsabilidade,

momento para equacionar também a multiplicidade de determinismos, biológicos e culturais, que são, afinal e em certa medida, ocasião para o exercício daquela essencial dimensão humana, numa linha de rumo que nos conduzirá ao preâmbulo do estudo da interdependência essencial entre liberdade e responsabilidade.

Retomando o trajecto que, partindo da descoberta da intersubjectividade, nos conduziu à experiência da liberdade e que, por seu turno, nos coloca a inevitável experiência da responsabilidade moral, terá lugar o esclarecimento desta experiência capital, salientando as características principais que a separam da responsabilidade de índole jurídica, reflectindo, a seguir, nas suas modalidades fundamentais. A este respeito, proceder-se-á a uma detalhada determinação do significado da responsabilidade moral perante si mesma, analisando o sentido da coerência e o da exigência das opções essenciais; depois, considerar-se-á a condição dos seres humanos crentes religiosos, a quem importa a experiência da responsabilidade moral perante o seu valor Absoluto e, por fim, terá lugar a análise da experiência da responsabilidade moral no âmbito da vida interindividual.

Caracterizado o agir humano na sua estruturação antropológica, trata-se, agora, de considerar o papel essencial da filosofia moral na formulação dos princípios da acção, aspirando a definir uma arte de viver que possa responder ao modo de vida desejável, pela afirmação de uma concepção de Bem que se traduza socialmente num ideal de Justiça, que possa proporcionar uma sabedoria prática atenta à diversidade das culturas e visando a plena personalização de todo o género humano. Contudo, antes de equacionar a índole de uma ética humanista cujo perfil deixamos esboçado, importa uma reflexão em torno da problemática das ideologias e o seu impacto no pensamento moral, visto que constituem uma ingredienciologia influenciadora dos contextos onde se originam os juízos morais. De facto, poderá afirmar-se que as ideologias se configuram, mais ou menos sistematicamente, como um acervo de crenças com carácter impositivo e que, muitas vezes, subtilmente se transformam em moralismos, cujo influxo se traduz num desafio à construção da unidade da Ética, destruindo o sentido da sua necessária

universalidade e validade. Importa situar a Ética como crítica das ideologias, mormente políticas, como ponto de análise prévio das relações entre Ética e Política. Creio dever acrescentar que as considerações críticas relativas a esta problemática serão orientadas pelo primado da Ética. Com efeito, a Ética como a Vida é, a um tempo, individual e social e por esta razão, o assunto com o qual completaremos este tema das relações entre Ética e Política visa estabelecer os prolegómenos essenciais para a teorização de um arquétipo de Estado, susceptível de realizar a mais intrínseca harmonia entre a Justiça e o Poder, condição imprescindível para a salvaguarda da Liberdade — eis por que o significado ético-político dos «Direitos Humanos» e sua perspectiva histórica constituirá o fundamento para uma macroética universalista potenciadora de uma cidadania digna, responsável, porventura feliz.

Neste sentido, importa, também, pensar as exigências éticas no campo da Economia, área particularmente significativa da realidade social do homem. Cremos, aliás, que a ética económica é um capítulo decisivo da moral social, perspectivando a dimensão «humana» da economia, seu fim social, sua função humanizante.

Tal como as suas relações com a Ciência. Pensar o sentido e a responsabilidade das ciências, proceder a um exame crítico dos resultados da investigação científica, das consequências e riscos para a condição humana e dos desafios que hoje se colocam à preservação da identidade humana é o objectivo da reflexão em torno do impacto do progresso científico a par da complexidade crescente das questões ecológicas e bioéticas. São, com efeito, desafios inegligenciáveis para o pensamento ético que, face a circunstâncias sem precedente, tem de repensar o primado da responsabilidade, redefinindo de modo essencial a liberdade e a dignidade humanas. Nesta ordem de ideias, se compreenderá que não deve ficar indiferente à problemática do Humanismo. Na realidade, realçar o valor do ser humano como *pessoa* aparece-nos singularmente, como o horizonte necessário da Ética, cuja finalidade crucial se manifesta não apenas na construção de uma imagem moral de vida humana, mas igualmente na determinação de propostas concretas para o desenvolvimento integral da pessoa.

A reflexão sobre o Humanismo, particularmente voltada para as suas perspectivas contemporâneas, explicitará, por um lado, um dos modos de realização da Ética, ao mesmo tempo que nos reconduzirá à concepção da Filosofia como Sabedoria para a vida que, reconhecidamente, constitui o alicerce desta reflexão. Ao examinarmos de perto a problemática do Humanismo, temos presente a dimensão antropológica do tema e por essa razão, a exposição não se alheará da interrogação sobre o ser e o significado do Homem, questões centrais da Antropologia Filosófica, mas o seu propósito fundamental revelar-se-á numa atenta busca dos caminhos que podem orientar o Homem, mais seguramente rumo à sua plena realização. Daí que em cada modalidade do Humanismo contemporâneo se procure distinguir o que nelas há acerca da compreensão do humano, a par do que sugerem como objectivo ético a alcançar, assinalando os aspectos que se nos afigurem susceptíveis de contribuir para a construção de uma Ética Humanista medularmente vinculada a um Humanismo da Responsabilidade. Além disso, importa considerar algumas perspectivas e impasses no relacionamento entre as ciências humanas e a ética, reflectindo no contributo que aquelas ciências podem proporcionar não só a respeito do conhecimento que o ser humano tenha de si mesmo, mas igualmente acerca das condições antropológicas susceptíveis de assegurar o rumo para uma civilização enraizada solidamente no valor da vida e da felicidade humanas; sublinhando, contudo, que não se intenta fazer derivar os valores da área do saber científico, apenas se pretende acentuar que este saber apresenta virtualmente certas implicações no modo de experiência dos valores. Por outro lado, entendemos que a função «arcôntica», logo magistral e orientadora, que Husserl propunha para a Filosofia e que atribuímos *ad litteram* à Ética, pressupõe uma reflexão primordial de índole antropológica que integre os dados do saber científico positivo. Este será o itinerário preocupado, desde o início, em conduzir a uma plena justificação do sentido e da importância da Ética para um tempo contemporâneo em que o pessimismo e a desilusão parecem tornar inacessível o caminho da moralidade. Razão pela qual é o modo mais adequado de repensar

o valor da racionalidade ética para a construção das opções fundamentais a cujo ritmo, na complexidade das circunstâncias, os seres humanos devem assumir a autonomia da sua vontade, ou o que é o mesmo, a suprema liberdade de espírito em ordem a uma existência plena de Autenticidade.

ÍNDICE

1. REFLEXÃO PRELIMINAR	7
2. OS GRANDES TEMAS DA ÉTICA	17
3. BREVE PANORÂMICA HISTÓRICA	53
4. EPÍLOGO	103
<i>Orientação bibliográfica</i>	111